

IGNAZIO SILONE E A BUSCA DA TERRA PROMETIDA

Flora Di Paoli (UFRJ)

Ignazio Silone, escritor regionalista dos mais expressivos no cenário das letras italianas, nasceu em 1900, na região dos Abruzzi, fez de sua obra literária um vigoroso instrumento contra a **situação de miséria material e espiritual** na qual viviam os camponeses da Itália Meridional.

O amor e a solidariedade pelos desassistidos sociais, pode-se dizer já nasce com Silone. Seu pai pequeno proprietário rural, desde cedo estimula no filho o respeito e o amor pela antiga mística terra, responsável naquela sociedade agrária pelas condições que asseguram a subsistência. É, ainda, a figura paterna que o iniciará nas primeiras lições socialistas, mostrando que o homem deve ser respeitado em sua integridade existencial, qualquer que seja seu lugar na sociedade.

A forte presença do pai faz com que Silone expanda sua afetividade de forma mais livre na direção da figura materna, principalmente quando admirava enternecido seu trabalho minucioso e paciente de tecelã. A mãe enquanto prosseguia no seu ofício **de entrelaçar fios**, contava ao filho histórias bíblicas que incutiam no futuro militante socialista a necessidade de um verdadeiro sentimento **de justiça capaz** de arrancar seus conterrâneos da exploração secular da qual eram escravos. E será esse Silone dividido entre o social e o espiritual cujas raízes se aprofundam **no inconsciente**, dividido, ainda, entre os exemplos paterno e materno, que iremos encontrar mais tarde nas páginas autobiográficas de Fontamara, romance publicado no exílio **suíço**, quando nosso autor perseguido pelas milícias fascistas, se vê obrigado a recuperar sua identidade italiana, ou melhor meridional, através da memória afetiva.

O tema maior das obras silonianas, segundo a maioria dos críticos, é a situação político-social da Itália meridional. Esta região há anos se debatia numa profunda crise sócio-econômica, onde a má distribuição das terras principalmente para a agricultura, trazia graves problemas sociais. Após o processo de unificação política da Itália, ocorrido por volta de 1860, temos o agravamento dessa situação de desigualdade, quando o norte italiano entra num processo de industrialização crescente, conseguindo, dessa forma, uma economia mais moderna, com a criação de um novo e eficiente mercado de trabalho. Enquanto isso, o Sul da Itália, com uma economia fundamentada basicamente na agricultura se vê em sérios apuros, como o da falta de terras produtivas que pudessem fixar seus habitantes no campo. O que se percebe num primeiro momento é o surgimento das primeiras levas migratórias do homem meridional, obrigado a deixar sua terra nata na busca de novos campos, onde fosse possível, semear e colher para sobreviver. Sabemos o quanto essa partida é dolorosa, uma vez que o homem deve abandonar, cortar outra vez o cordão umbilical que o liga à terra-mãe, já cendido quando de seu nascimento, para percorrer novos caminhos. Contudo esse homem levará sempre consigo o desejo consciente/inconsciente de voltar ao solo materno, reatar aquela ligação original duplamente cindida.

Fontamara, primeiro romance de Silone, pode ser considerado um texto síntese porque traz em si, de forma latente, todas as outras histórias que virão posteriormente, isto é, todas as tentativas do homem de se pacificar com a sua *fonte amarga*, ainda que sob o emblema social da recuperação de sua dignidade humana.

Conforme já dissemos esse romance foi escrito no exílio, na Suíça, e tem como protagonista os pobres "cafoni" da Marsica, vítimas de uma opressão secular, na época representada pelo fascismo.

A ação de Fontamara se reporta ao verão de 1929, sendo narrada por sobreviventes do massacre ocorrido naquele longínquo lugarejo italiano. O texto narra a amarga história dos habitantes de Fontamara, mas que poderia acontecer em qualquer lugar do mundo onde existirem oprimidos e opressores. O principal núcleo narrativo gira em torno da água, de sua escassez e de seu furto por parte daqueles que detêm o poder, as falsas autoridades fascistas.

A relação dos fontamarenses com essa terra árida da Marsica, simboliza o desejo coletivo e todos os seus habitantes, que buscam a posse da terra transformada na figura da mãe. Esta terra-mãe apesar de oferecer a seus filhos um seio inóspito é desejada e querida, pois é o único porto seguro conhecido que pode ser reconhecido permitindo ao indivíduo reviver a situação de completude já experimentada na vida uterina, antes do corte do cordão umbilical/unificador. E é essa

terra-mãe que vai ser ameaçada pelo desvio da pouca água existente, que através de uma manobra torpe, tornar-se-á praticamente estéril, deixando de oferecer aos filhos o alimento escasso, mas vital para a sobrevivência destes.

A ação das personagens é coral. Elas participam dessa ação como sujeito e objeto. Pode-se dizer que toda a cidade de Fontamara é protagonista dos acontecimentos. Do coro se destacam alguns personagens, mas o único personagem masculino que merece um tratamento especial é Berardo Viola. E será ele o nosso fio condutor na busca da Terra Prometida, uma vez que sua vida é alimentada por esse mito.

Berardo Viola, figura jovem e ativa, cujo destino seria o matrimônio com a bela ~~Elvira moça~~ que ocupava na sociedade fontamarenses uma posição superior àquela de Berard, já que este era um agricultor sem terra, tendo que trabalhar como bóia-fria — alugado — para outras pessoas.

Numa sociedade arcaica e tradicional como aquela de Fontamara, a situação econômica de Berardo Viola era um sério empecilho que dificultava essas núpcias. Ele devia, ainda, sustentar sua mãe Maria Rosa, cujo marido morrera misteriosamente no Brasil, antes de ameaçar o suficiente para permitir ao filho tornar-se um pequeno proprietário rural.

Essa justificativa era sempre dada por Maria Rosa quando queria explicar o fato do filho não ter se casado ainda. Esse talvez fosse o disfarce inconsciente para mascarar os reais motivos que distanciavam Berardo do casamento.

Podemos observar que sua relação com a mãe é marcada por um profundo sentimento de culpa, como se ele se sentisse responsável pela morte misteriosa do pai. Freud explica-nos, ao tratar do complexo de Édipo, que existe no ser humano, de forma inconsciente, um profundo sentimento de culpa, advindo do desejo inconsciente pela mãe, vendo no pai um concorrente na disputa pelo afeto materno. Esse desejo independe de sexo, sendo comum na primeira infância em meninos e meninas. São experiências vividas que jazem no inconsciente que podem vir à tona quando evocadas por algum fato liberador.

Podemos notar também em Maria Rosa um amor doentio, incestuoso pelo próprio filho, uma vez que este simbolicamente ocupava o lugar do pai. Ela inconscientemente não quer dividir seu filho com nenhuma outra mulher, quer a todo custo reviver a fase da gestação, quando não existia ninguém entre eles.

“I Viola non sono uomini di casa”, diceva Maria Rosa con tristezza e orgoglio.

“Non sono fatti per dormire tra le lenzuola. Non sono uomini per una sola femmina. Nei novi mesi che lo portai in seno, in permanenza Berardo mi dava calci. Il mio ventre era diventato turchino per le sue pedate.”

Todas as justificativas dadas para adiar o matrimônio de Berardo com Elvira se apoiavam em motivos materiais, mas a ênfase dada por Maria Rosa ao destino trágico da família Viola leva-nos a suspeitar de motivos recônditos que exigem castigo. O sentimento de culpa mostra-se muito claro nas personagens que compõem o triângulo edipiano: Berardo, Maria Rosa e Elvira.

Finalmente o noivado, é oficializado, Berardo pede Elvira em casamento, contudo esse passo não é suficiente para acalmar a angústia de Berardo, que por não entender a natureza de suas aflições, tenta por todos os meios obter os recursos necessários para poder desposar Elvira. Notamos aí que o desejo se faz cada vez mais forte, pois a mulher amada nada mais é do que a imago da mãe, e a urgência de possuir ainda que simbolicamente a mãe alucinada, neste momento se metaforiza na terra a ser adquirida, conquistada, que lhe permitirá casar e possuir Elvira, livrando-se, temporariamente, do sentimento de culpa.

“Berardo se ne va in pazzia” mi disse.

“Quello finirà come suo nonno. Stanotte

Non ha chiuso un occhio, nemmeno un momento.”

As aflições de Berardo aumentam ainda mais com o agravamento das condições sociais, com o governo fascista criando a cada dia novas taxas, que o distanciavam da recuperação de suas terras e do casamento com Elvira. Mas numa manhã de domingo, eis que parece surgir uma possibilidade de concretizar finalmente o sonho de conquistar as terras desejadas.

Os camponeses fontamarenses já há muito acalentavam o sonho de ter acesso às novas terras férteis emergentes do lago di Fucino, cuja água fora retirada. Eram terras propícias para a agricultura, principalmente pelo humus que restara das águas. Os fontamarenses sempre haviam reivindicado o direito de poder arrendar aquelas terras, mas até então esse encaminhamento sempre fora negado, pois eles eram considerados habitantes da montanha. Eles só podiam trabalhar no Fucino como trabalhadores braçais. Os fontamarenses na sua inocência e pureza nutriam o desejo utópico de poder participar da riqueza luxuriante do Fucino, principalmente diante das magras colheitas extraídas às duras penas da mísera terra de Fontamara. Por isso recebe-

ram com euforia o desconhecido motorista de caminhão que os convidava, aos gritos, para irem a Avezzano:

“Ad Avezzano, vi porto ad Avezzano, salite, ...
Andata e ritorno gratis.
Salite, salite, fate presto, se non volete arrivare tardi.”

Apesar da desconfiança natural, dos camponeses resolveram aceitar o convite inesperado, pois no final de junho, correria um boato que os representantes dos lavradores da Marsica seriam convocados para uma reunião do novo governo a respeito das Terras do Fucino.

Os fontamarenses tinham esperança que um novo governo dividisse igualmente essas terras, por isso é Berardo o primeiro a subir no caminhão, pois era ele o mais excitado no desejo de obter aquelas terras.

Dai segue-se a descrição da viagem dos fontamarenses a Avezzano que se assemelha em excitação à narrativa bíblica da travessia do Mar Vermelho, todos unidos na viagem fantástica na busca do objeto de seu desejo. Todos seguiam aquele fio de esperança que poderia conduzir à posse definitiva, capaz de aplacar o desejo inconsciente do homem de preencher o espaço vazio de algo que lhe fora arrancado ao entrar neste mundo.

A animação, a esperança, a excitação da viagem de ida irá contrastar agudamente com aquela da volta, porque ao chegar a Avezzano os fontamarenses despertam bruscamente da embriaguês do desejo, e se vêm diante da impossibilidade de concretizar essa posse alucinada da terra-mãe. Eles foram trazidos a Avezzano para uma festa em homenagem ao novo governo fascista que se instalava e queria mostrar seu vigor. Nenhum desses políticos estava preocupado com a divisão das terras do Fucino. O sonho da Terra Prometida, desejada consciente e inconscientemente, se desfaz na humilhação de retornar a Fontamara a pé, com a ameaça de serem presos, porque queriam informações sobre a divisão dessas terras-Temos aí mais um elemento que nos ajuda a compreender a ligação e o desejo inconsciente do homem pela terra: a agressividade.

“Noi rifacemmo a piedi, assetati, affamati e con fiele nell'anima, la strada che al mattino avevamo percorso in camion col nostro bello stendardo di San Rocco spiegato al vento e pleni di speranza. Camminavamo in silenzio. Non c'erano parole per il nostro avvillimento.”

A prostação provocada pela impossibilidade de se efetivar a posse

da terra-mãe é bastante clara, bem como o sentimento de culpa inconsciente advindo do Complexo de Édipo que instiga o homem a procurar punição, no caso a violência de serem confundidos com subversivos.

Muito se poderia falar, ainda, sobre a ligação mítica do homem com a terra, mas no contexto de Fontamara nos parece viável a tentativa de uma leitura que tenha por base os pressupostos psicanalíticos, uma vez que essa ligação embrionária não é privativa desse contexto.

O episódio da viagem dos fontamarenses a essa "terra prometida" imago da mãe alucinada permite visualizar a repressão das pulsões básicas do ser humano — as sexuais e as agressivas — (Berardo no seu desejo de casar e a sua reação agressiva/ameaça de prisão para conseguir as terras) que são subjugadas de forma radical, criando uma estrutura moral rígida, sem a qual seria impossível viver em comunidade. A agressividade gerada pela proibição do prazer sexual se mantém em latência. Não podendo ser concretizada esta energia volta-se para o ego. Este fica entre dois fogos, de um lado temos a censura rigorosa do superego (pai, sistema, sociedade), e do outro, os impulsos do id, que busca a satisfação de suas pulsões a qualquer preço. A válvula de escoamento em qualquer sociedade será a transgressão do proibido, que acarretará o sentimento de culpa inconsciente, livrando o indivíduo, inda que temporariamente da angústia, por trazer consigo a punição pacificadora.

No caso em questão a punição pacificadora se efetua pela não realização do desejo de conquistar, ter acesso àquelas terras férteis — que se assemelham a uma jovem fogosa pronta para o amor — mas que não se deixa possuir. Essa atração persistirá levando o homem a querer voltar sempre à terra prometida — o paraíso perdido — onde não existia censura, pois não existe o desejo de algo faltante.

BIBLIOGRAFIA

1. CUNHA, Helena Parente. *O sentimento de Culpa na Lírica Amorosa de Gregório*. (Universidade Federal do Rio de Janeiro) — Apostila distribuída em aula, 2º s. de 89.
2. FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. vols. IV, V, IX, XIV, XIX, XXI, Edições Standart Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
3. SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Collezione Superomnibus, Milano, Mondadori, 1982.